

## OS DUENDES DA NOITE<sup>1</sup>

PEDRO LEMEBEL

Tradução: Alejandra Rojas Covaslki  
UFFS/ Doutorado PGET/ UFSC

Não é preciso abrir demais os olhos para vê-los, para descobri-los na teia de aranha metálica e desumanizada da urbe, nem sequer é preciso deixar-se levar pelo espírito caridoso do Padre Hurtado, que dedicou sua vida a educá-los e entregar-lhes uma formação católica que os arrancasse do pecado e da noite. Também não são anjos e sim duendes proscritos, meninos e meninas de cinco a quatorze anos que fogem de suas casas, escapando de um pai bêbado, prófugos dos lares para meninos abandonados como o extinto *Ciudad del Niño*, na quadra 18 da *Gran Avenida*, onde agora construíram um shopping, ou o conhecido abrigo *Hogar de Carabineros Niño y Patria*, ali, onde o estuprador foi o padrinho, o carcereiro, o professor, o vigia ou o companheiro de beliche, que ao completar quatorze anos desatou sua sexualidade reprimida amordaçando o pequeno, penetrando-o na indefesa noite de sua errante infância.

O que segue é pão comido, mastigado duramente nas calçadas sujas onde se reúnem em volta do calor de um cigarro. Preferencialmente, nos pontos de ônibus, na subida e descida de passageiros a quem imploram por uma moeda com azulada inocência ou arrebatando a carteira de quem anda desprevenido, desaparecendo engolidos pela sombra cúmplice da cidade. Logo, depois de jogar fora os documentos e desfazer-se da carteira, com o dinheiro subtraído compram caixas de chicletes, chocolates, balinhas de goma e sobem nos ônibus oferecendo esse açucarado comércio. E nesse contínuo sobe e desce perto da porta, se escutam suas vozes roucas de tabaco e de frio sonâmbulo do inverno madrugador. Se escutam seus risos de anõezinhos velhos, acostumados com o humor obsceno da rua, com o sexo marginal no meio fio da calçada e, com apenas doze anos, prostituem seu corpo lisinho nas rótulas, meigamente luxuriosos, oferecendo aos transeuntes uma rosa desabrochando.

Não são anjos, nem seres inocentes que adotam a cidade como uma prolongação do seu vagabundo itinerário. A vida os fez crescer asperamente desde a favela, do

---

<sup>1</sup> O texto original encontra-se em: LEMEBEL, Pedro. *Los duendes de la noche*. In: *Poco hombre*. Santiago: Ed. Universidad Diego Portales, 2013.

orfanato ou da cadeia juvenil, onde a miséria econômica sujou seus curtos anos. Adictos a todos os vícios, enchem a sacola de cola e cheiram com as narinas meleçadas e asfixiadas pelo exílio e a fome. Não são anjos urbanos, também não correspondem à imagem da TV, onde a criança de rua, reabilitada, suplica ajuda para alguma fundação beneficente. A cidade perverteu a doçura que a meninice carrega no olhar e colocou essa sombra malévola que dança em seus olhinhos quando veem uma corrente de ouro balançando ao alcance da mão. A cidade os tornou escravos de sua prostíbula pobreza e explora sua infância desnutrida oferecendo-a aos motoristas que detêm o carro para fazê-los entrar seduzidos pela mixaria de uma chupada infantil. Logo virá a rua novamente e o eterno perambular pela Santiago anoitecida que pirateia sua manca existência.

Com essa biografia de malandro, que azedou seu filhote coração, já não são anjos, já não poderão ser confundidos com querubins, com essas mãos tismadas pela fumaça do crack e as marcas do roubo que arrebatou uma carteira. Mas, mesmo assim, apesar do lamaçal que os cuspiu ao mundo, ainda há um vagalume infante que revoa em seus gestos. Talvez ainda haja uma faísca brincalhona que brilha em suas pupilas quando sobem em algum ônibus e a noite nua os consome em seu obscuro crepitar.